

FILME: INFILTRADO NA KLAN: UMA ANÁLISE DA SEGREGAÇÃO RACIAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DESDE A SUA FORMAÇÃO COMO NAÇÃO ATÉ OS DIAS ATUAIS

CAVALCANTE, Amanda - UEPB; *acavalcante021@gmail.com*
PAIVA, Betânia Maria de Andrade - UEPB; *betaniaapaiva@gmail.com*

Simpósio Temático: História e Linguagens: Literatura, Cinema e Música.

Resumo: A presente comunicação visa expor através da análise do filme *Infiltrado na Klan*, como uma obra cinematográfica produzida em 2018 pode nos ajudar a compreender como se deu o processo da formação dos EUA no século XVIII, e porque mesmo três séculos depois, essas discussões ainda se fazem necessárias para compreendermos melhor o “conceito” de América. Inicialmente, será feita uma rápida apresentação do seu diretor, o estadunidense Spike Lee, sua trajetória no cinema e nas artes, e como o ativismo político sempre foi sua marca registrada. Será abordado o surgimento da Ku Klux Klan, importante grupo terrorista que atuava nos EUA logo após o fim da Guerra Civil entre os estados do norte e os do sul, e como essas células criminosas ainda insistem em surgir em determinados momentos na história dos americanos na perseguição aos negros, gays e judeus. Será abordado também o movimento dos Panteras Negras, grupos formados por negros americanos, que denunciavam o racismo e a discriminação sofrida por seus irmãos, e que visavam devolver a autoestima e o orgulho da sua cor, e por último, abordaremos também o Movimento Feminismo Negro, suas principais ações, suas maiores representantes entre as décadas de 60 e 70, e como eles foram e são importantes até os dias atuais para denunciar o descaso sofrido pelas mulheres ao longo do tempo. Enfim, o filme traz o relato de um jovem negro que entra para a polícia em uma cidade do interior dos Estados Unidos, e um tempo depois, decide entrar para uma célula da Ku Klux Klan. Para a apresentação deste trabalho, utilizaremos recursos áudio visuais para a projeção de slides, e para as pesquisas, buscamos suporte teórico nas obras de Leandro Karnal, Susan-Mary Grant, Gilberto Freyre, Patrícia Cunha, Jéssica Paiva e Tzvetan Todorov, sendo as mesmas realizadas à parte, mas que servirão de base para o desenvolvimento da atividade.

PALAVRAS-CHAVE: RACISMO. SEGREGAÇÃO RACIAL. FEMINISMO.

Introdução

Falar da formação dos Estados Unidos da América enquanto nação, é falar de bravura, coragem, determinação, lutas e muitas conquistas. Mas, é falar também de invasão, massacre, extermínio, guerra e dominação. Desde a chegada dos primeiros invasores/colonizadores, a América sofre as consequências dessa ambição desenfreada, bem como o entrave imposto por

esses colonizadores aos demais povos considerados inferiores ou bárbaros, entre os quais podemos destacar os nativos já habitantes do continente, e os africanos escravizados e trazidos da África com o único objetivo de servir de mão de obra em suas terras no Novo Mundo ou mesmo uma simples mercadoria ou moeda de troca. Porém, passados três séculos desde a sua formação como nação, podemos observar que os Estados Unidos da América continuam com o mesmo pensamento de seus antepassados, ou seja, racistas e xenofóbicos. De acordo com Sepúlveda, em uma análise feita por Tzvetan Todorov, “a hierarquia e não a igualdade é o estado natural da sociedade humana” (2010,p.221). E tem sido essa a máxima aplicada pelos norte americanos até os dias atuais. No caso do filme *Infiltrado na Klan*, como veremos ao longo deste artigo, o diretor aborda questões como racismo, homofobia, xenofobia, misoginia e antissemitismo, bem como nos leva a conhecer um pouco mais sobre todas essas questões que ultrapassam a barreira do tempo, e que continuam tão atuais quanto a três séculos atrás. O filme vai relatar um fato real ocorrido nos EUA entre as décadas de 60 e 70 do século XX, em que mostra a história de um jovem negro que resolve entrar para a polícia numa cidade do interior no estado de Colorado. Uma vez dentro da polícia, Ron Stallworth resolve se infiltrar para uma célula da Ku Klux Klan com ramificações naquela cidade. Ele se comunicava com os membros da KKK através de cartas ou telefonemas, mas como ele era negro, sempre que se fazia necessário um encontro presencial, ele pedia para um colega policial branco ir no seu lugar. Porém, tudo começa a ganhar um outro sentido para Ron, a partir do momento em que ele, como policial e espião, começa a participar de umas reuniões políticas promovidas pelos estudantes universitários negros, onde eram discutidos alguns temas de cunho político e cultural, mas principalmente, das questões racistas envolvendo todos os negros da comunidade. Lembremos que naquele período histórico, estavam surgindo os primeiros movimentos dos Black Power, e dentro dele, terão origem os Panteras Negras e os grupos de movimento do Feminismo Negro, como veremos um pouco mais adiante. Embora o filme *Infiltrado na Klan* seja baseado num fato real, não podemos esquecer que a adaptação do roteiro rendeu um Oscar agora em 2019 à Spike Lee, que concorreu nas categorias de Melhor Direção, Roteiro Adaptado e Ator Coadjuvante, sendo que essa produção cinematográfica se sagrou vitoriosa nas duas últimas categorias. O filme foi produzido pelo Universal Studios em 2018 e teve como diretor o estadunidense Spike Lee, um ativista político reconhecido mundialmente por seus filmes e campanhas publicitárias, e que dedicou 31 dos seus 62 anos às questões de combate ao racismo, bem como à garantia dos direitos das mulheres, como será abordado nessa pesquisa, além de questões de xenofobia, como já foi citado anteriormente.

Sobre a Ku Klux Klan

Como se sabe, a Ku Klux Klan é uma organização criada por ex-soldados confederados, de cunho terrorista constituída basicamente por supremacistas brancos, e que surgiu nos Estados Unidos da América entre os anos de 1865 e 1866 após o fim da Guerra Civil, com a intenção de perseguir e promover ataques contra afro-americanos, bem como a qualquer pessoa que defendesse os direitos desse grupo. Inconformados com a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos que em 1954 decide que seria inconstitucional as divisões raciais entre estudantes negros e brancos em escolas públicas por todo o país, mais uma vez esse grupo reaparece provocando uma verdadeira perseguição contra negros e até brancos que compartilhavam dessa decisão. No filme, o diretor Spike Lee inicia a história exibindo trechos de outro filme chamado *O Nascimento de uma Nação*, produzido em 1915 e lançado em todo o país em 1916, e que mostra como os negros eram vistos pelos demais americanos, ou seja, como macacos incapazes e inaptos para as tarefas mais simples ou bárbaros e monstruosos que perseguiam as mocinhas brancas para estuprar e em seguida matá-las.

A simples menção à esse filme, já provoca uma onda de intolerância, violência e perseguição contra os afro-americanos e seus descendentes. E é neste momento de extremo racismo e ideia de supremacia branca, que surgem mais uma vez alguns membros da Ku Klux Klan e defensores ou apoiadores desses grupos, que através dos discursos de ódio proferidos por seus líderes, promovem mais perseguição, linchamentos e mortes em nome de um ideal americano, em que para fazer parte dessa “América”, é necessário ser branco e cristão, como afirma Leandro Karnal em seu livro *A História dos Estados Unidos* quando se refere à formação do texto que deu origem à Constituição: “A nação americana procurava assentar sua base jurídica na ideia de representatividade popular, ainda que o conceito de povo fosse, nesse momento, extremamente limitado”(2018,p.93). Percebemos, portanto, que desde a formação dos EUA até os dias atuais, o que vemos é uma nação para poucos, onde sempre prevalece o discurso de ódio e racismo, e que o estrangeiro é visto sempre como uma ameaça invasora, e que mesmo pra quem nasce nos Estados Unidos da América e que não seja branco ou cristão, não será considerado genuinamente americano, pois entre o “ser” e o “estar” existe uma grande diferença. E quando a autoridade máxima do país, que é o presidente, faz questão de reforçar esse pensamento de “supremacia branca” através de seus discursos reforçando as diferenças e estimulando as desigualdades, é como se fosse dada a autorização para a disseminação do ódio e do preconceito.

No filme, Spike Lee também faz questão de destacar o antissemitismo presente tanto na época em que se passa a história, quanto nos dias atuais, a exemplo de umas imagens exibidas dentro do filme, mas que foram manchetes nos principais telejornais do mundo inteiro, e que mostram em 2017, após a posse do presidente Donald Trump, manifestantes entrando em conflito com um grupo de encapuzados, representando os antigos membros da Ku Klux Klan, exibindo a antiga bandeira dos Confederados e outros portanto o símbolo da Suástica. A suástica como sabemos, é originalmente um símbolo religioso em formato de cruz, muito utilizada pelos budistas, porém, essa mesma cruz com os braços voltados para o lado direito, foi adotada como emblema oficial do Partido Nacional-Socialista alemão, e se tornou símbolo do nazismo. Portanto, é um símbolo carregado de uma memória muito triste de um período que marcou o século XX, pelas atrocidades acontecidas na Alemanha Nazista e consequentemente pela perseguição e extermínio de milhões de Judeus. Além desses pontos já destacados, podemos ver ao longo do filme, outras questões relevantes e que são também muito importantes e necessárias para fomentar e enriquecer a discussão de temas como a devolução do orgulho pela sua cor à comunidade afro-americana, bem como a importância da participação feminina e da emancipação da mulher enquanto cidadã, ou seja, ser social, portanto, pensante e ativa.

Os Panteras Negras

Surgido a partir da revolta do assassinato de um líder do movimento negro dos Estados Unidos – Malcolm X – e com o auxílio de um exemplar de *Os Condenados da Terra*, o Partido Panteras Negras fundado por Bobby Seale (Presidente) e Huey Newton (Ministro da defesa) se faz presente no enredo do longa *Infiltrados na Klan* como uma organização perseguida pela polícia norte-americana diferentemente em primeiro momento da Ku Klux Klan, que tem com principal característica a defesa da supremacia branca de forma reacionária e extremista. Sendo o partido nesse presente momento entre as décadas de 1960 e 1970 um epicentro importantíssimo para o movimento *Black Power* nos Estados Unidos, visando as necessidades da população negra, seu âmbito cultural e autodeterminação, e por estar contextualizado em um movimento muito maior acabava por possuir embates ideológicos com outros grupos do movimento, vemos aqui um partido com extrema organização, agenda própria e inquietações bastante particulares.

É revendo os dois primeiros parágrafos da própria Declaração da Independência dos Estados Unidos que a construção do primeiro programa com os ideais do partido dos Panteras

Negras se inicia, defendido pelos líderes não como um programa levantando aspectos de lutas atuais, mas sim de lutas de mais de 400 anos pela situação dos negros nos Estados Unidos.

Agora semeando a ideia da organização, Huey que sempre acreditou que o negro americano não conhecia sua história – por isso hesitou bastante em um primeiro momento a levar a organização adiante – e muito menos se reconhecia nela, se preocupou bastante em sempre explicar e explorar todos os dez pontos apresentados no programa do partido para todos os pretos que ele encontrasse, sem distinções, abordando corpo a corpo nas ruas trabalhadores operários, domésticas, estudantes e diversas outras classes, deste modo fica evidente um dos objetivos dos Panteras Negras, como cita Wanderson Chaves “Militância e organizações no nacionalismo negro, vincula o Partido a um projeto de busca da unidade e do orgulho racial, característicos da negritude.

Sendo assim, observando as ações do Partido nos deparamos com algumas principais características, em primeiro ponto a retomada do orgulho negro, muito presente em uma das cenas do filme “Infiltrado na Klan” quando em um discurso do então líder do movimento negro e integrante do Partido dos Panteras Negras, Kwame Ture, exalta a beleza negra e pede a seus companheiros de luta que parem de compara-las com os ideais brancos de beleza e a valorize como ela deveria ser valorizada. Mas essencialmente nas suas ações temos o forte caráter militar que difere de muitos dos movimentos negros da época, como exemplo dos movimentos com mais seguimentos dos ideais do líder Martin Luther King quem além de tudo era um pacifista e pregava a não violência, assim fica necessário afirmar que o Partido dos Panteras Negras possuía caráter mais radical e profundamente antirracista de acordo com Wanderson Chaves: “Os Panteras Negras, não apenas retoricamente, mas em agenda e estratégias, buscaram ser radical e efetivamente antirracista.” Entre as inflamações para a explosão do movimento negro nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70 podemos citar a segregação racial que separava literalmente a população negra da branca, a Ku Klux Klan e seus ataques, a constata violência policial que espancava e matava a população negra ao acaso, entre tantas outras. Uma estratégia bastante positiva e caracterizante do partido eram os programas comunitários que demonstravam as pessoas como a política bem organizada e com propósitos ideias era benéfica para as vidas, dentre as medidas tinham cuidados alimentares, de vestuário e assistência médica, tudo bem limitado, mas que alcançava bons resultados para a construção de um ideal. As críticas recebidas aos programas comunitários, com argumentos de não ser revolucionário recebiam uma resposta significativa do Bobby Seale:

Muitas pessoas não entendiam a política destes programas; algumas tinham a tendência a chama-las de programas de reformas. Não eram programas de reformas; eram realmente programas comunitários revolucionários. Um programa revolucionário é um ataque direto pelos revolucionários, por aqueles que querem mudar o sistema existente por um sistema melhor. Um programa de reforma é montado pelo sistema explorador existente como uma doação apaziguadora, para enganar as pessoas e mantê-las quietas. Exemplos disso são os programas de pobreza, primeiro emprego e coisas do tipo.

(SEALE, Bobby)

Outro ponto de grande relevância para entendermos a estrutura não apenas do Partido dos Panteras Negras, mas também uma estrutura social é a relação do movimento e as mulheres militantes, para termos um pouco mais de noção do contexto um dado é muito expressivo: 70% da composição da organização eram de mulheres. Porém os cargos de efetivação política e das decisões do partido ficavam praticamente restritos aos homens, ficando para as mulheres cargos apenas administrativos e tradicionais, por muitas vezes os irmãos da organização anunciavam que não receberiam ordem de mulheres e que muitas vezes eram ditas como não revolucionárias por simplesmente não aceitar dormir com alguém. Esses casos afastavam em demasia as mulheres do partido, por obviamente não aceitar esse tipo de situação, visto que nesse mesmo contexto uma onda feminista também se apodera do momento.

O partido reconhecendo esses fatos tentam desconstruir tais atitudes, porém nenhuma das medidas se demonstra muito eficaz, mesmo que os Panteras Negras reconhecesse formalmente a igualdades entre homens e mulheres, na prática isso se demonstrava de forma diferente.

Movimentos Feministas Negro

Dentre todos os assuntos que podem ser destacados no filme *Infiltrado na Klan*, um longa que retrata a outra face da América nas décadas de 60 e 70, entre as ondas racistas que acompanham a sua construção e está tão viva ainda para quem quiser observar, nos deparamos com cenas que tratam da questão feminina e sua posição desigual, primeiro apresentado através da personagem Connie, esposa de um dos membros da Klan, apesar de se demonstrar simpatizante com a causa, ela é o modelo “perfeito” do que deveria ser a esposa americana, subjugada, restrita a tarefas domésticas e ao marido. É apresentada também na

mesma cena uma repreensão a Ângela Davis que começa a submergir neste momento na luta feminista, sempre interessada em questões sócias e civis militantes, o que nos faz pensar em todas as mulheres atuantes deste período que acabaram sendo apagadas pela história, é sempre comum vermos nomes como Malcolm X e Martin Luther King, obviamente de grande importância, mas sentimos faltas de nomes de grandes mulheres norte americanas, possuidoras de grandes feitos no âmbito da história dos Estados Unidos, como:

- Ella Baker, participante do NAACP, que ajuda a montar a organização de Martin Luther King a SCLC.
- Daisy Bates que se torna presidente do NAACP (Arkansas) muito questionada para a posição por ser mulher, e possui papel crucial contra a segregação.
- Mary McLeod, ativista pela justiça social e educacional para afro-americanos, onde inicia uma escola que hoje é uma universidade.
- Elaine Brown, após a morte de Martin Luther King assistiu a reuniões dos Panteras, assumiu o poder da Huey Newton.

Nomes que fazem faltas, mas quando lembrados trazem muita força e significado, além de Connie temos Patrice, personagem negra, militante e extremamente atuante nas forças contra o racismo, Patrice além de mulher, é negra, o que a coloca em uma posição de maior vulnerabilidade, em uma cena na qual ela e outros militantes são parados por policiais racistas, Patrice acaba por sofrer assédio vindo de um dos policiais, que dá ênfase na sua negritude. O que tiramos dessa cena é a “sensação de liberdade” sentida pelo policial branco em tocar Patrice, assediá-la. O que nos diz muito sobre o processo de objetificação da mulher, e não somente da mulher, mas da mulher negra.

Um tema, pouco comentado, pouco discutido, com uma falta de pauta visível, mas extremamente real e presente em um contexto mundial, está ligado ao âmbito sexual, neste caso a “hipersexualização” da mulher negra no nosso espaço cultural e social que é manifestada desde o período colonial no que diz respeito ao quando se perpetua um estereótipo de servidão profissional e sexual, uma imagem tendo como base a escravidão, trazendo um personagem de “mulata erótica”. É um processo de coisificação da mulher negra, tendo em exposição seu corpo para pleno deleite do seu senhor, visibilizada para o ato sexual “sujo” aquele ao qual a mulher branca não estaria sujeita, por carregar o caráter de “pureza”, esta ideia fica bastante explícita no dito popular da época segundo Freyre (1933) “brancas para casar, as negras para trabalhar e as mulatas para fornicar”.

A partir de tal raiz a mulher negra acaba se encontrando em um espaço onde ela é o objeto de consumo sexual de seu país, vista para a realização de tal ato e apenas.

Uma influência gigantesca para a construção do estereótipo da “mulata fogosa” e a hipersexualização da mulher preta é a mídia, principalmente televisionada que acaba por reforçar essa ideia, apresentando a mulher negra sempre por trás de um ideal de “passista de escola de samba”, restringindo-a apenas a esse papel, acabando por excluir aquelas que não se encaixam neste padrão.

A mulher negra é sempre representada pelo arquétipo da “mulher fogosa”, “boa de cama”, “mulata”, criando-se assim, o imaginário de superficialidade e inferiorização em relação ao corpo da mulher negra. Através desta afirmativa, percebemos as nuances de transitoriedade que vai do prazer ao trabalho. Hanner nos traz a ideia de que essa construção remonta no passado colonizador.

(PAIVA, Jessica e CUNHA, Patrícia)

Esta mesma mídia que reforça essa coisificação do corpo negro é a mesma que alavanca dentro da ideia do turismo nacional, que dentre todas as coisas que aqui estão para serem exploradas e experimentadas, se encontra também a “mulata” como um objeto de caráter erótico, sexual e exótico, como ressalta Soares de Bem: “O Imaginário carnavalesco ao qual se associa o Brasil contribui para realçar a beleza sensual de mulheres (no geral mulatas) que expõem sem pudor seus corpos desnudos.” Tais imagens se tornam funcionais para os contatos travados na esfera do Turismo, estimulando mesmo o surgimento e o estabelecimento do Turismo sexual em várias regiões do Brasil.

A mulher negra que além de todos os seus obstáculos, possui seu corpo objetificando, hipersexualização e quando não atendido as expectativas se encontra em uma posição de extrema desvalorização, de qualquer forma tendo seus corpos como centro de si, como ferramentas de atração dentro do seu país, fazendo com que sua dignidade humana seja atingida mais uma vez.

(SOARES DE BEM, 2005, p. 59).

Considerações Finais

Como pudemos observar ao longo desse trabalho, o filme *Infiltrado na Klan* nos permite fazer uma longa reflexão do que significa verdadeiramente ser um cidadão americano. Não o cidadão que se considera americano, mas o que é considerado genuinamente um americano. Como vimos no filme, Spike Lee mostra através de imagens, que apesar de a história mostrar diferentes décadas do século passado, vindo ainda do século XIX e abordando fatos que ocorreram em pleno século XXI, parece que o enredo não muda. É como se fosse a mesma história, mudando apenas os atores. É importante observarmos a relevância de obras cinematográficas como esta que, além da parte lúdica que diverte, há o lado do documento que, “licenças poéticas” à parte, mostram através desses registros, fatos que são ignorados pela grande parte da população. Como o fato de que um simples ato de um cidadão em desejar entrar pra polícia local, abre-se um leque de questões muito relevantes a serem levantadas e discutidas por todos as camadas da sociedade. Que o racismo está mais enraizado no nosso dia-a-dia muito mais do que imaginamos e que muitas vezes, por naturalizarmos nossas ações e pensamentos, acabamos reproduzindo quase que no modo automático.

Quando Spike Lee mostra que um discurso de ódio produzido pela exibição do filme *O Nascimento de uma Nação*, exibido em 1916 gera uma série de atos violentos, linchamentos e mortes de vários negros, e que em 2017, após a posse do presidente Donald Trump também com seu discurso de ódio e racismo, vai despertar nas pessoas as mesmas reações de ódio e racismo. Obviamente, apenas aqueles simpatizantes do pensamento e ideias alinhadas à essas práticas agora vão se sentir encorajados a expressar todo esse ódio e perseguição. As demais pessoas, aquelas que de forma direta ou indireta se sentem ofendidas, perseguidas e atacadas, restam recorrer aos meios legais de se defender e resistir a uns atos de extrema covardia e barbárie e denunciar como fez o diretor de *Infiltrado na Klan*, que através do filme, denuncia para o mundo inteiro como eram e como são tratados aqueles diferentes do “verdadeiro” americano, desde sua origem no século XIII até o governo atual que, após oito anos do governo do ex-presidente Barack Obama, que foi o primeiro presidente negro dos EUA, filho de queniano, portanto, não poderia ser considerado um Americano com “A” maiúsculo, se elege com um discurso e uma política carregado de ódio aos imigrantes, negros e latinos, e prometendo ao longo do seu mandato devolver a América para os americanos, ou seja, apenas para os brancos e cristãos, assim como fizera seus antepassados, quando criaram os Estados Unidos da América sob o símbolo da liberdade. Resta-nos apenas descobrir para quem realmente é essa liberdade, se para todos, ou para poucos.

Referências Bibliográficas

GRANT,Susan-Mary.História Concisa dos estados Unidos da América/Susan-Mary Grant;Tradução de José Ignácio Coelho Mendes Neto. – São Paulo:EDIPRO,2014 – (Série história das nações)

KARNAL,Leandro.História dos Estados Unidos:das origens ao século XXI / - Leandro Karnal...[et al.]. – 3.ed.,6ª reimpressão. – São Paulo: Contexto,2018.

TODOROV,Tzvetan.A Conquista da América: a questão do outro / Tzvetan Todorov; tradução Beatriz Perrone Moisés. – 4ª edição. – São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Biblioteca do pensamento moderno)

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/suastica.htm>

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. – 5ª ed. São Paulo: Global, 2006.

BEM, A. S. do. A Dialética do Turismo Sexual. Campinas - São Paulo: Papirus, 2005.

CUNHA, Patrícia e PAIVA, Jessica. A erotização da mulata na cultura brasileira.

SAMYN, Henrique Marques (org.). Por uma revolução antirracista: uma antologia de textos dos Panteras Negras – Rio de Janeiro, 2018.

CHAVES, Wanderson da Silva. O Partido dos Panteras Negras – Rio de Janeiro, 2015.